

# Estratégias discursivas de um sujeito afásico em atividade dialógica

Priscila Marques Toneli<sup>1</sup>, Ivone Panhoca<sup>1</sup>, Evani A. A. Camargo<sup>1</sup>, Rosana C. Novaes-Pinto<sup>1</sup>

<sup>1</sup>IEL/UNICAMP

Campinas, São Paulo, 13083-859, Brasil

[pmttoneli@gmail.com](mailto:pmttoneli@gmail.com), [i.panhoca@terra.com.br](mailto:i.panhoca@terra.com.br), [evaniamaral@gmail.com](mailto:evaniamaral@gmail.com), [ronovaes@terra.com.br](mailto:ronovaes@terra.com.br)

## RESUMO

Este trabalho apresenta uma análise de estratégias discursivas que um sujeito afásico utiliza durante atividades dialógicas. Embora este sujeito tenha dificuldades linguísticas ao falar por causa de sua afasia, ele consegue manter-se sujeito da linguagem e busca alcançar seu querer dizer durante a interação discursiva, utilizando-se dessas estratégias. Optamos por uma metodologia qualitativa para o desenvolvimento da pesquisa por considerar a linguagem do sujeito em práticas dialógicas e respaldamos nossa análise nos trabalhos de Coudry (1986/1988, 1995), Novaes-Pinto (1992, 1997, 1999) e Bakhtin (1992ab).

## 0 INTRODUÇÃO

Trabalhos desenvolvidos dentro da área da Linguística conhecida como Neurolinguística Discursiva mostram grandes avanços no estudo das afasias, por meio uma vertente que estuda a linguagem e o seu funcionamento cerebral, focando na descrição e na discussão dos aspectos linguísticos. Autores como Coudry (1986/1988, 1995), Novaes-Pinto (1992, 1997, 1999), entre outros são orientados por uma concepção de linguagem como atividade constitutiva do sujeito que assume que a significação é construída no ato discursivo e não uma relação congelada entre as expressões e seus sentidos (cf. Coudry, 1995).

Este trabalho apresenta uma análise da fala de um sujeito cérebro-lesionado, que, diante de suas dificuldades com a organização gramatical, mantém-se sujeito em práticas dialógicas. Partimos da hipótese de que mesmo que a lesão tenha provocado sequelas na linguagem, esse sujeito se utiliza de algumas estratégias discursivas para driblar as suas dificuldades gramaticais com a linguagem. Nosso objetivo é identificar quais estratégias são utilizadas pelo sujeito observado.

O presente artigo está organizado do seguinte modo: na primeira seção, apresentamos os pressupostos teóricos que embasam este trabalho. Na segunda seção, é exposta a metodologia de trabalho. Na terceira seção, apresentamos os dados e a análise com base nos princípios teóricos, e, por fim, tecemos algumas considerações.

## 1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 1.1 Abordagem Enunciativo-Discursiva

Apresentamos a abordagem teórica assumida para a análise da fala do sujeito afásico focado.

Conforme Coudry (2002), **afasia** é uma perturbação na linguagem que pode comprometer todos os níveis de organização da linguagem: fonético-fonológico, sintático, semântico e pragmático, em sujeitos com lesão cerebral. A autora afirma, ainda, que “a afasia afeta tanto um

nível linguístico quanto sua relação com os demais, no funcionamento discursivo da linguagem” (p. 111).

Coudry considera que a **linguagem** é um fenômeno histórico, cultural e social, além de ter um caráter indeterminado no que se refere aos processos de significação, enquanto a **língua** é uma atitude frente aos fatos da linguagem, pois as formas linguísticas se relacionam com os fatores culturais (cf. Coudry, 2002).

A perspectiva de linguagem em uma abordagem discursiva vê o sujeito em suas preocupações e em diversas situações pragmáticas, o que resulta uma visão que prima uma forma de pensar, teorizar, avaliar e conduzir o processo terapêutico, que “instrui e produz o (re)conhecimento mútuo de dificuldades e de soluções encontradas na interlocução e na dialogia pelo afásicos” (Coudry, 2002, p. 102).

Desta forma, a autora ressalta também a importância da interação dialógica, como sendo constitutiva da própria linguagem, uma vez que a incorporação do turno do interlocutor pelo sujeito em sua própria fala, seja ele afásico ou não, “atua como ponto de vista estruturante do próprio enunciado, da situação e da construção da realidade” (p. 108).

Essa forma de compreender e avaliar a língua, a linguagem e os processos de significação é o que foi chamada, por Coudry, de Teoria da Linguagem Enunciativo-discursiva: *enunciativo*, porque importa a enunciação para o outro/interlocutor, e *discursivo*, porque é como a linguagem se expõe como atividade significativa.

Nessa abordagem, a linguagem do sujeito afásico pode ser observada em práticas discursivas significativas, em que ele pode se engajar como sujeito de seu discurso, e, assim, as dificuldades gramaticais do sujeito podem emergir durante o uso da linguagem. Também é observado, por meio dessa abordagem, como esse sujeito lida com essas dificuldades, (re)significa sua linguagem em diversas situações de interação social e como exerce diferentes papéis em situações dialógicas.

Por isso, a abordagem enunciativo-discursiva torna-se adequada para se lançar um novo olhar não só para a linguagem dos sujeitos com lesão

cerebral, no caso a linguagem de RT, mas também para os recursos semântico-gramaticais utilizados por eles, após a lesão, em situações de interação social.

## 1.2 A filosofia da linguagem de Bakhtin

Nesta subseção, apresentamos algumas considerações de Bakhtin sobre a linguagem para respaldar a análise proposta neste trabalho.

Bakhtin (1992b, p. 92) afirma que “o locutor serve-se da língua para suas necessidades enunciativas concretas (para o locutor, a construção da língua está orientada no sentido da enunciação da fala)”. Para o autor, a língua não gravita somente na norma e nas relações entre os elementos linguísticos, mas também na nova significação que ganha, dependendo da situação discursiva e nas relações entre pessoas, pois a forma linguística continua sempre a mesma, uma vez que é a expressão linguística que organiza a atividade mental no que se refere à linguagem e não o contrário.

Assim, a **enunciação** nada mais é que “o produto da interação entre dois indivíduos socialmente organizados”, ou seja, o enunciado se faz a partir da interação verbal entre dois indivíduos em situações comunicativas de fala, ou seja, em atividades dialógicas, afirma Bakhtin (1992b, p. 112), pois o enunciado é, para o autor, uma atividade; “um ato singular, irrepetível, concretamente situado e emergindo de uma atitude ativamente responsiva, isto é, uma atitude valorativa em relação a determinado estado de coisas”, conforme expõe Faraco (2009, p. 24).

Essas palavras de Bakhtin (1992a) fundamentam a necessidade de se olhar o enunciado quando se necessita buscar informações do estilo individual para explicar fatos linguísticos de sujeitos cérebrolesionados, uma vez que estes produzem enunciados que fogem dos modelos teóricos que são construídos para esclarecer as dificuldades de seleção e de combinação de tais sujeitos.

A **relação eu/outro** é importante nessa discussão, pois cada um representa um universo de valores que toma uma posição axiológica a cada momento e em relação a valores sociais (cf. Faraco, 2009).

Para que haja uma relação dialógica, tem que haver uma interação entre seres social e ideologicamente posicionados que produzam qualquer material linguístico dentro da esfera do discurso e manifestado por meio de enunciados.

Bakhtin lembra que as relações dialógicas são possíveis tanto em enunciados completos ou relativamente completos, assim como em enunciados constituídos de uma única palavra desde que ela represente uma posição social e ideológica de alguém, isto é, existe enquanto enunciado.

O conceito de *acabamento* torna-se importante, pois exprime uma noção que se obtém por meio da relação do Eu com o outro, como algo que o outro dá, e que só é possível a ele pela posição que ocupa em relação ao Eu, é uma “conferência de valores” aos elementos que completam o Eu e que são inacessíveis e transgredientes ao Eu.

Assim, como vivemos em sociedade, o *acabamento* é sempre provisório, até o novo encontro, com outra pessoa, ou em outra situação de interlocução.

Novaes-Pinto (2010) chama a atenção para questões sócio-culturais e subjetivas que permeiam a linguagem e para o modo como os afásicos lidam com suas dificuldades ao construir significados em sua fala, ou mesmo com o sofrimento desses sujeitos por não completar o seu ‘querer-dizer’, e nesse contexto ressalta a importância de se considerar as ideias de Bakhtin para a análise de questões relativas a alterações na linguagem. Assim, diante dessa incompletude da linguagem, esses sujeitos, às vezes, não conseguem dar um *acabamento* (ainda que não que seja finalizado) aos seus enunciados.

Em suma, concluímos esta subseção, ressaltando a necessidade de se utilizar as ideias de Bakhtin sobre a linguagem para cumprir o objetivo deste trabalho que é analisar as estratégias discursivas que RT utiliza para manter-se sujeito de sua linguagem em práticas dialógicas, mesmo com dificuldades em articular gramaticalmente sua linguagem.

## 2 METODOLOGIA

Os dados de áudio mobilizados para a análise foram gravados durante uma atividade dialógica informal entre a investigadora (Inv) e o sujeito observado, denominado como RT. É importante ressaltar que a Investigadora tinha uma convivência anterior com o sujeito RT antes da gravação dos dados. Para o desenvolvimento deste trabalho, utilizamos uma metodologia qualitativa (Minayo, 1989, 1993, 2000).

Conforme Paulilo (1999, *apud* Minayo 2000), a metodologia qualitativa trabalha com valores, crenças, hábitos, atitudes, opiniões dos sujeitos investigados e procura aprofundar a complexidade dos fatos e processos particulares de indivíduos e grupos, os quais não podem ser captados por hipóteses perceptíveis, verificáveis e de difícil quantificação por estarem enraizados no contexto social e imersos na subjetividade e no simbolismo, demandando um estudo fundamentalmente interpretativo.

Em prol de se considerar o contexto social nas pesquisas qualitativas, Minayo (2000) ressalta que quando se trata de questões sociais, não se pode desconsiderar o que é histórico, pois não só o investigador dá sentido a seu trabalho intelectual, mas também a relação entre os seres humanos e a sociedade. O foco desse tipo de investigador é compreender e explicar a dinâmica das relações sociais, considerando a subjetividade.

Minayo afirma que a pesquisa qualitativa trabalha com “um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (p. 21-22).

Em suma, consideramos que a análise de sujeitos com alterações de linguagem não pode ser relacionada apenas à mera performance, mas

deve permitir inferências sobre a sua competência, a partir do seu funcionamento linguístico, o que por sua vez é possibilitado pela metodologia qualitativa.

### 3 ANÁLISE E DISCUSSÃO

Como apresentado na seção anterior, os dados utilizados para nossa análise são de uma gravação com o sujeito RT, registrados em 10 de fevereiro de 2011. A escolha dessa conversa informal foi para que os dados pudessem evidenciar as estratégias utilizadas por RT para driblar suas dificuldades no uso da linguagem.

Durante esse encontro, do qual separamos apenas dois trechos para exemplificação das dificuldades e das estratégias discursivas utilizadas pelo sujeito, RT e a investigadora conversam sobre vários assuntos, como a rotina semanal de RT: as idas à fisioterapia, fonoaudiólogo, hidroterapia, etc, sobre o seu gosto musical, sobre viagens, etc.

Como observado, uma das dificuldades de RT é a de encontrar palavras, e a estratégia utilizada por RT para organizar seu discurso é produzir enunciados curtos, com uma repetição constante de expressões cristalizadas e uma grande frequência de pausas. Veremos a seguir alguns trechos que exemplificam tais ocorrências.

Episódio 1: RT, Inv e F conversam sobre músicas, e RT quer lembrar o nome de um cantor que ela gosta.

- (1) RT: Quem que é esse? (Refere-se ao cantor da música que estava ouvindo)
- (2) F: Esse que a P (nome de Inv) passou... pra você.
- (3) RT: Qual que é?
- (4) F: dos Paralamas!... é dos Paralamas que você tinha copiado, P? não é os Paralamas, né?
- (5) Inv: Capital Inicial que ela queria. (Inv corrige F dizendo que o cantor que RT queria ouvir era outro e não o que F disse)
- (6) F: Capital Inicial, né.
- (7) RT: Tem... como que é... que chama???
- (Momento em que ela tenta buscar o nome do cantor que ela desejava dizer, utilizando pausas e enunciados curtos)
- (8) Inv: Jota Quest.
- (9) RT: **não**... ai!... (tentando dizer o cantor que ela queria como se estivesse na ponta da língua)
- (10) Inv: Cassia Eller! Aquela cantora?
- (11) RT: Não... (momento em que ela começa a apoiar suas falas na fala do outro, no caso de Inv, para realizar o seu 'querer-dizer')
- (12) RT: ai... Eu gosto, cê falou... o homem... como que é? (agora, ela começa a dar pistas a seu interlocutor para que ele possa ajudá-la no seu 'querer-dizer')
- (13) Inv: do Sertanejo? (nesse momento o interlocutor dá o acabamento ao 'querer-dizer de RT com a participação dela)
- (14) RT: Isso, eu gosto... (chegam ao estilo musical, mas não ainda ao nome do cantor que RT queria dizer)

Como observado, RT tem dificuldade em encontrar a palavra desejada. Dessa forma, vai organizando seu discurso com pausas e sentenças curtas, em (3), (7), (9), (11) e (12). Embora ela tente, RT não consegue dizer à investigadora o nome do cantor que ela queria,

mas consegue confirmar que seria um cantor sertanejo, apoiando-se no enunciado de sua interlocutora. Sua interlocutora vai tentando adivinhar a palavra que RT buscava, e por se lembrar que RT gostava de música sertaneja, pergunta se seria um cantor desse estilo musical.

Nesse sentido, o sujeito afásico depende mais dos enunciados de seus interlocutores e a eles recorre em processo de *especularidade* e de *complementaridade* (cf. De Lemos, 1989).

Esses processos de especularidade e de complementaridade também são comuns na fase de aquisição de linguagem. De Lemos (1989) considera a especularidade (quando a criança é especular à fala da mãe), complementaridade (quando a criança é complementar à fala da mãe) e reciprocidade (quando a criança já consegue ter certa independência dialógica com relação à fala do outro), processos que ocorrem tanto na fala da mãe quanto na fala da criança.

Com relação aos dados de RT, nos turnos (10) e (11), podemos notar essa complementaridade da fala de RT na fala do outro, quando RT faz tentativas reiteradas para expressar o seu 'querer-dizer' que é completo pela fala de Inv. Em (12), ela fornece pistas para o outro, em busca de que o outro a ajude no seu 'querer-dizer', e, em (13), o outro consegue dar um fechamento ao que RT gostaria de dizer. Embora RT não tenha conseguido independentemente alcançar seu intuito discursivo, apropria-se da fala do outro para dar o acabamento ao seu discurso.

Outros fatos a serem destacados são as várias expressões cristalizadas utilizadas como 'ai meu deus do céu', 'ai minha nossa senhora', 'pra falar a verdade', assim como os enunciados curtos e as pausas, já observados anteriormente, e que são constantes na atividade discursiva de RT.

Episódio 2: RT e Inv falam sobre viagens, enquanto vêem as fotos da viagem que Inv fizera nas férias de janeiro de 2011.

- (1) Inv: Olha aqui!
- (2) RT: **ai meu deus do céu**... onde que é isso?
- (3) Inv: na praia... lá em Parati.
- (4) RT: **Parati?**
- (5) Inv: é o nome de uma cidade...
- (6) RT: **onde que é?**
- (7) Inv: no Rio de Janeiro.
- (8) RT: **ai minha nossa senhora**...
- (9) Inv: ah, mas é perto de Campinas, bem na pontinha do estado... quando acaba o estado de São Paulo, é o pedacinho do Rio de Janeiro... não é a cidade do Rio...
- (10) RT: **é longe?**
- (11) Inv: de Campinas não... daqui é... daqui é longe... mais longe que São Paulo... menos longe que Camboriú...
- (12) RT: **longe? mais?**
- (13) Inv: não... mais perto...
- (14) RT: **olha que bonito!**

Queremos chamar a atenção, mais uma vez, nessa sequência dialógica, que assim como já ocorreu nos exemplos anteriores, há uma série de enunciados curtos, seguidos de pausas na organização discursiva de RT nas sequências em (2), (4), (6), (8), (10), (12) e (14).

Essa estratégia de utilizar enunciados curtos e pausas serve provavelmente para suprir sua dificuldade em encontrar palavras (de acesso lexical) e de organização sintática. As expressões cristalizadas são usadas por RT para preencher vazios sintáticos em situações em que ela não consegue articular enunciados, como estratégia também muito utilizada por falantes considerados 'normais' (sem lesão cerebral), embora possam ser mais constantes no discurso de afásicos.

Embora tenhamos destacado algumas estratégias discursivas utilizadas por RT para driblar suas dificuldades com a linguagem, como as expressões cristalizadas, as pausas, os enunciados curtos e o apoio nos enunciados do interlocutor, ao dar a significação as suas falas, esta última parece ser a principal estratégia discursiva que RT utiliza na construção de seus enunciados em atividades dialógicas.

Faraco (2009), nesse sentido, afirma que, para haver uma relação dialógica, algum material linguístico precisa entrar na esfera do discurso em forma de enunciado e para isso, é necessário que o interlocutor tenha fixado a posição de um sujeito social. Assim, é possível fazer réplicas ao dito, confrontar posições, acolher a palavra do outro, confirmá-la, rejeitá-la, ampliá-la e complementá-la.

Com base nessas considerações, podemos destacar que RT, ao enunciar o seu 'querer-dizer', consegue estabelecer relações de sentido em vários momentos a partir da palavra do outro, relações estas que geram significação responsivas a partir do encontro de posições avaliativas.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi apresentar uma análise das estratégias discursivas utilizadas por um sujeito afásico, RT, quando este está em interação dialógica. Para realizar tal análise, optamos por uma metodologia qualitativa de trabalho que considerasse a linguagem do sujeito em práticas dialógicas, não utilizando uma metodologia que quantificasse as alterações de linguagem do indivíduo e as reduzisse a apenas o que foi perdido, mas que se observasse como esse sujeito reorganiza a sua linguagem após a lesão cerebral, buscando a significação.

A abordagem teórica que respalda este trabalho é enunciativo-discursiva, conforme proposta de Coudry (1986). Utilizamos também a ideias de Bakhtin (1992ab) para suportar nossa análise no que se refere às noções de enunciado, acabamento e querer-dizer.

Ao longo dos dados, foi possível observar que as dificuldades de RT são relativas principalmente ao acesso lexical e à organização sintática, e as estratégias discursivas utilizadas por esse sujeito para enfrentá-las são o uso de enunciados curtos, pausas constantes, uso de expressões cristalizadas como preenchedores e o apoio nos enunciados do outro que a nosso ver, é o principal suporte Discursivo que RT utiliza.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- [1] Coudry, M.I. H. *Diário de Narciso: avaliação e acompanhamento longitudinal de linguagem de sujeitos afásicos de uma perspectiva discursiva*. Tese de Doutorado. Unicamp, 1986.
- [2] \_\_\_\_\_. *Neurolinguística e Linguística*. In: Maria Irma Hadler Coudry. (Org.). *Temas em Neuropsicologia e Neurolinguística*. 1ª ed. São Paulo: TecArt Editora, v. IV, p. 12-19, 1995.
- [3] Novaes-Pinto, R. C. *Agramatismo: Uma contribuição para o estudo do processamento normal da linguagem*. Dissertação de mestrado. Unicamp, 1992.
- [4] \_\_\_\_\_. *Agramatismo e Processamento Normal da Linguagem. Cadernos de Estudos Linguísticos (UNICAMP), UNICAMP - Campinas, SP, v. 32, p. 73-85, 1997.*
- [5] Coudry, M. I. H. *Linguagem e afasia: uma abordagem discursiva da neurolinguística. Cadernos de Estudos Linguísticos*. Campinas, n. 42, p. 99-129, 2002.
- [6] Novaes-Pinto, R. C. *A contribuição do estudo discursivo para uma análise crítica das categorias clínicas*. Tese de doutorado. Unicamp, 1999.
- [7] Bakhtin, M. *Estética da criação verbal*. Martins Fontes. São Paulo. 1992a.
- [8] \_\_\_\_\_. *Marxismo e filosofia da Linguagem*. 6ª Ed. Editora HUCITEC. São Paulo, 1992b.
- [9] Faraco, C. A. *Linguagem & Diálogo: as idéias linguísticas do círculo de Bakhtin*. Ed. Parábola, São Paulo, 2009.
- [10] Novaes-Pinto, R. C. Quando se descarta o sujeito em favor de um modelo teórico: a ética nas pesquisas. In: *III Círculo: Rodas de Conversa Bakhtiniana*, 2010, São Carlos. Círculo - Rodas de Conversa Bakhtiniana - Caderno de Textos e Anotações - Bakhtin e a atividade estética. Novos caminhos para a ética. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010. v. único. p. 289-291.
- [11] Minayo, M. C. S. *O Desafio do Conhecimento. Metodologia da Pesquisa Social Qualitativa em Saúde*. São Paulo- Rio de Janeiro, HUCITEC-ABRASCO, 1989.
- [12] Minayo, M. C. S.; Cruz Neto, O.; Deslandes, S. F.; Gomes, R. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- [13] De Lemos, C. T. G. Uma abordagem socio-construtivista da aquisição da linguagem: um percurso e muitas questões. *Anais do I Encontro Nacional de Aquisição da Linguagem*, CEAAL-PUC-RS, 1989.